

FERREIRA GULLAR: HISTÓRIA, ENGAJAMENTO E RESISTÊNCIA*

Viviane Aparecida SANTOS[√]

RESUMO

Este trabalho propõe o diálogo entre a crônica e a poesia de Ferreira Gullar. Para tanto, tomamos como objeto de pesquisa as crônicas publicadas pela **Folha de São Paulo** entre os anos de 2012 e 2013 e a obra **Dentro da noite veloz** (1975). A partir da discussão do conceito de engajamento, procuramos focalizar a atuação política do poeta, em prosa e verso, fazendo um contraponto entre a mais recente perspectiva política de Gullar e sua postura política e poética dos anos 1960 e 1970, marcada pela militância e resistência, o que observamos em **Dentro da noite veloz** (1975). No intuito de construir a elaboração teórica da pesquisa, recorreremos às reflexões de Benoit Denis (2002), Heloísa Buarque de Hollanda (1992), Jean Paul Sartre (2004), Roland Barthes (2003), Antonio Candido (2000) e Beatriz Sarlo (1997), que contribuíram decisivamente para a construção deste artigo. Partimos da hipótese de que podemos refletir sobre memória, história, engajamento, resistência e atuação política a partir do diálogo entre ambas as formas de escrita, porque elas se complementam para a construção da reflexão quando se trata de Ferreira Gullar. O diálogo entre poesia e crônica em Gullar se faz, portanto, não apenas possível, mas também fecundo e uma nova possibilidade de pesquisa no campo literário.

Palavras-chave: Ferreira Gullar. Crônica. Poesia. Engajamento. Política.

* Artigo recebido em 25/04/2024 e aprovado em 01/07/2024.

[√] Doutora em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: <vivianesantos.jf@gmail.com>

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como intuito primeiro adentrar o mosaico construído por Ferreira Gullar em prosa e verso, propondo um diálogo entre crônica e poesia. Construiremos nas próximas linhas um texto cheio de **pretéritos** e de **presentes**, de História do Brasil, a de ontem e a de hoje. E nesse jogo entre passado e presente, lembrança e esquecimento, traremos à cena a vida vivida, a vida inventada, a vida poetizada e a vida historiografada.

A escrita de Ferreira Gullar, seja em prosa ou verso, é uma escrita visceral. E, por assim ser, sua produção sempre suscita novas reflexões e caminhos teóricos ainda não delineados satisfatoriamente. Partimos da hipótese de que podemos pensar sobre memória, história, engajamento, resistência e atuação política a partir do diálogo entre poesia e crônica em Ferreira Gullar porque essas formas de escrita se complementam e elucidam ainda melhor a nossa reflexão e análise crítica da obra do maranhense.

São memórias da infância, de São Luís do Maranhão, do exílio, da ditadura; memória afetiva, social e política. Uma mistura da vida vivida, da vida recriada no papel e da vida que se faz História com H maiúsculo. Buscamos, portanto, nesse diálogo, uma forma de reflexão teórica e crítica e uma nova possibilidade de investigação literária.

A fim de materializarmos nossa hipótese, primeiramente escolhemos como objeto de estudo uma das obras poéticas publicadas pelo maranhense nos anos 1970: **Dentro da noite veloz** (1975)¹. Em seguida, partindo da leitura das crônicas escritas pelo maranhense, faremos um recorte temporal, definindo como objeto de análise as que foram publicadas pela **Folha de São Paulo** em 2012 e 2013, cuja temática esteja voltada para a atuação política de Gullar, ou seja, que expressem a atuação do maranhense como homem político de seu tempo e de seu país.

Partindo do presente para o passado, faremos uma inversão temporal, começando do hoje para o ontem, da visão adotada em seus últimos anos de vida para aquela que o acompanhou nos **anos de chumbo**. Faremos, assim,

¹ Embora referenciemos aqui a obra em seu respectivo ano de publicação, no decorrer do artigo utilizaremos a edição que está presente em **Toda poesia**, publicada em 2004.

uma viagem ao universo político e poético de Gullar, passando por seus posicionamentos mais recentes e também por sua militância que contaminou toda uma geração.

Quando nos voltamos à obra **Dentro da noite veloz** (1975), a fim de estabelecermos o diálogo com as crônicas escolhidas, verificamos na poesia ali presente um caráter social e político. A construção poética do livro mostra-se engajada política e socialmente em vários momentos, deixando claro que o escritor reconhece a função social de sua poesia. Do mesmo modo, verificamos nas crônicas selecionadas uma forte expressividade política, sendo assim possível estabelecer o diálogo proposto.

Com o objetivo de construir a elaboração teórica de nossa hipótese de pesquisa, recorreremos às reflexões de alguns pensadores, adiante mencionados, que funcionarão como arcabouço teórico do trabalho. No entanto, apesar de todo o aparato teórico utilizado, muitas das reflexões aqui apresentadas resultam da análise decorrente da imersão no texto e, sobretudo, do que a escrita de Gullar é capaz de suscitar.

2 ENTRE A CRÔNICA E A POESIA: ATUAÇÃO POLÍTICA E POÉTICA DE FERREIRA GULLAR

No intuito de estabelecermos o diálogo pretendido, mas não nos perdermos em meio às reflexões, neste primeiro momento tomamos como objeto de análise algumas crônicas de Gullar, escritas em 2012 e 2013, e os tópicos seguintes serão dedicados à obra **Dentro da noite veloz** (1975).

2.1 HISTÓRIA, MEMÓRIA E POLÍTICA: CRÔNICAS ESCOLHIDAS

Nas crônicas escolhidas, Gullar, ao se colocar politicamente, aborda uma série de temas polêmicos e questionadores. Vai dos anos de infância aos tempos de ditadura, passando pela sua experiência de clandestinidade e exílio. Como homem político que é, o maranhense se utiliza de fatos do dia a dia para então posicionar-se politicamente.

No entanto, exatamente por seu espírito crítico e senso político inquestionáveis, Gullar consegue, em seus textos semanais, ultrapassar a

dimensão da crônica como gênero, indo muito além da exposição de fatos cotidianos que segue uma determinada ordem cronológica. O cronista não tem receio de se colocar diante de temas polêmicos, e assim leva o leitor a refletir sobre uma série de questões políticas, existenciais, sociais, artísticas e literárias, ainda que seja para discordar dele. O leitor não consegue manter-se indiferente à escrita do maranhense.

Na crônica **Do tango ao tangolomango**, publicada pela **Folha de São Paulo** no dia 1º de janeiro de 2012, Gullar relembra seu exílio na Argentina, afirmando que Buenos Aires muito o ajudara a enfrentar aquele momento tão difícil. Mais adiante, Gullar reflete sobre a situação da América Latina hoje, sobretudo a partir da perspectiva do que ele chama de “neopopulismo”, cujo protagonista seria o venezuelano Hugo Chávez.

De acordo com o cronista, o neopopulismo “é um regime que se vale da desigualdade social para, com medidas assistencialistas, impor-se diante do povo como seu salvador”. (GULLAR, 2012). Como poderíamos esperar, considerando a mais recente postura de Gullar referente à política brasileira, ele afirma que o ex-presidente Lula seguiu os passos de Chávez, porém, como o Brasil é diferente da Venezuela, Lula não conseguiu exercer o terceiro mandato.

Para o cronista, o neopopulismo, adotado pelo governo PT segundo ele, “se alimenta de uma permanente manipulação dos setores mais pobres da população”. (GULLAR, 2012). Seguindo esse raciocínio, o maranhense critica ferrenhamente a forma de governar da esquerda, afirmando que esta tem um discurso que funciona apenas na teoria, uma vez que, na prática, se vê forçada a fazer acordos e concessões que tanto afirma abominar.

Diante do conceito **neopopulismo**, formulado por Ferreira Gullar, recorreremos a alguns estudos para melhor compreendermos o termo. De acordo com o **Dicionário do pensamento marxista** (2001), editado por Tom Bottomore (2001), **populismo** é um “conceito polissêmico, usado para designar movimentos sociais e políticos bastante distintos, bem como políticas do Estado e ideologias as mais diversas.” (BOTTOMORE, 2001, p. 290).

Além do conceito do dicionário, também nos apoiamos nos estudos empreendidos pelo professor argentino Ernesto Laclau (1997/2005). Se, por um lado, Gullar critica tão duramente o que ele chama de **neopopulismo**, por outro, Ernesto Laclau, em **Política e ideologia na teoria marxista: capitalismo,**

fascismo e populismo (1979) e em **A razão populista** (2005/2013)², vem trazer um novo olhar sobre o termo **populismo**, na tentativa de ressignificar o fenômeno que se espalhou pela América Latina nas últimas décadas.

Laclau (1979) amplia o conceito de populismo, definindo-o como uma forma de construir o político que pode ser adotada tanto pela direita quanto pela esquerda, uma vez que o populismo não defende nem representa nenhuma ideologia. Sendo assim, o que existe é uma lógica populista que pressupõe a divisão da sociedade entre a esfera que representa as demandas sociais e a que representa o poder institucionalizado pelo sistema.

A lógica populista consiste, portanto, na ideia de que existe uma alternativa diante do sistema vigente. Segundo o teórico, “o populismo começa no ponto em que os elementos popular-democráticos se apresentam como opção antagônica face à ideologia do bloco dominante.” (LACLAU, 1979, p. 179). Nesse âmbito, populismo é, segundo Laclau (1979), uma forma de interpelação popular que articula seu discurso de maneira contrária ao bloco de poder.

Nesse sentido, o populismo não é bom nem ruim por si só, é apenas uma maneira de fazer política que considera o **povo** não como a soma dos indivíduos que compõem uma sociedade, mas a soma daqueles que estão à margem e, por isso, precisam de uma representação. Seguindo essa ótica, as práticas populistas não podem ser tidas como dispensáveis e tampouco absurdas ou meramente voltadas à angariação de votos, uma vez que elas contribuem, e muito, para a construção de uma sociedade mais democrática e igualitária.

Na crônica **Da fala ao grunhido**, de 25 de março de 2012, Gullar admite que sua mudança de postura ao longo dos anos pode causar certo estranhamento ao leitor: “desconfio que, depois de desfrutar durante quase toda a vida da fama de rebelde, estou sendo tido, por certa gente, como conservador e reacionário”. (GULLAR, 2012). Desenvolvendo seu raciocínio, ele afirma que atualmente é muito fácil escolher a posição política que se pretende assumir: “hoje é comum ser a favor de tudo o que, ontem, era contestado. (...) quando ser

² Durante o trabalho de pesquisa, tivemos acesso às versões em português e espanhol de **A razão populista**, sendo que **La Razón Populista** data de 2005, quando foi publicada também em inglês (**On Populist Reason**), e a versão em português foi publicada em 2013.

de esquerda dava cadeia, só alguns poucos assumiam essa posição; já agora, quando dá até emprego, todo mundo se diz de esquerda”. (GULLAR, 2012).

De fato, é, no mínimo, intrigante a mudança ideológica e, sobretudo política, de Gullar. Ao analisarmos as suas crônicas, sobretudo as de cunho político, o choque é inevitável. O pensamento mais recente de Gullar, em seus últimos anos de vida, em nada se parece com o daquele poeta engajado dos anos 1960, 1970 e 1980, que fazia da poesia uma forma de protesto, demonstrando ao mesmo tempo coragem, consciência crítica e sensibilidade lírica.

Na crônica **Não basta ter razão**, de 3 de fevereiro de 2013, ele fala justamente sobre o seu desligamento do Partido Comunista Brasileiro, ultimamente definido por ele como “ilusão”. O cronista reconhece que é muito difícil para alguém que adotou a vida toda o marxismo como doutrina abrir mão de suas convicções políticas e não mais enxergar o socialismo como solução. Ele chega a dizer que até entende quem questiona esse tipo de mudança de postura. No entanto, ele pontua: “Entendo, mas não aprovo. Tampouco lhe reconheço o direito de acusar quem o faça de ‘vendido ao capitalismo’. Aí já é dupla hipocrisia”. (GULLAR, 2013).

Gullar explica nessa crônica como se tornou marxista e como se deu a sua ligação com o Partido Comunista Brasileiro (PCB). O momento histórico da época colaborou para tal aproximação, uma vez que o poeta havia se envolvido na luta pela reforma agrária e depois, com o Centro Popular de Cultura (CPC), que estava ligado à União Nacional dos Estudantes (UNE) e fora idealizado por artistas e intelectuais de esquerda. Exatamente no dia em que ocorreu o golpe militar, Gullar filiou-se ao PCB. Com o início da ditadura militar no Brasil, sobretudo a partir da promulgação do AI-5, intensificou-se a repressão contra os opositores ao Regime, principalmente comunistas, de maneira que Gullar, em nome da própria sobrevivência, foi obrigado a sair do país e partiu para a URSS.

Segundo o cronista, no período em que esteve na URSS, ele mal pôde conhecer a vida dos soviéticos, uma vez que convivia somente com militantes brasileiros. Saindo de Moscou, foi para Santiago do Chile, chegando pouco antes da queda de Salvador Allende. Em um determinado ponto da crônica, Gullar relata como ocorreu o seu “choque de realidade” no que se refere ao socialismo e sua ideologia, segundo ele, utópica e inconsistente:

Mergulhado no conflito ideológico que opunha as duas potências antagônicas – URSS e EUA –, não me foi possível ver com maior clareza o que de fato acontecia nem muito menos os erros cometidos também por nós, adversários do imperialismo norte-americano. Isso se tornou evidente para mim, anos mais tarde, quando o sistema socialista ruiu como um castelo de cartas. Tornou-se então impossível não ver o que de fato ocorria. O regime soviético não ruíra porque um exército inimigo invadira o país. Pelo contrário, foi o povo russo mesmo que pôs fim ao sistema e o fez porque ele fracassara economicamente. Não obstante, muitos companheiros se negavam a aceitar essa evidência. Passaram a atribuir a Gorbatchov a culpa pelo fim do comunismo, como se isso fosse possível. A verdade é que as pessoas, de modo geral, têm dificuldade em admitir que erraram, que passaram anos de sua vida (e alguns pagaram caro por isso) acreditando numa **ilusão**. (GULLAR, 2013, grifo nosso).

No dia 1º de setembro de 2013, Gullar retoma a questão do neopopulismo na crônica **O mundo muda**, porém, desta vez, antes de falar sobre o populismo em si, Gullar aponta quando e em que contexto surgiram os ideais da esquerda. Segundo ele, tais ideais surgiram em meados do século XIX, mas só se concretizaram no início do século XX, com a Revolução de 1917. Nesse período nasceu a União Soviética e, com ela, o ideal comunista passou de utopia a realidade. A sociedade igualitária parecia um sonho que poderia, enfim, se tornar real. No entanto, a deflagração da Segunda Guerra Mundial atrapalhou o processo e uniu a União Soviética a países capitalistas, adiando o conflito entre socialismo e capitalismo.

Terminada a Guerra, o mundo presenciou a Guerra Fria, quando o capitalismo derrotou o socialismo, levando ao fim da União Soviética e do sistema comunista. A partir de então, o sonho revolucionário dos partidos comunistas se desfez, uma vez que não era mais possível lutar por um ideal de sociedade que fracassara. Gullar então afirma que, apesar de ser o socialismo hoje uma “utopia”, é muito difícil, para muitos, abrir mão de utopias quando se acredita nelas por toda uma vida. Para o maranhense,

tais **utopias** equivalem a crenças religiosas, de que dificilmente as pessoas abrem mão. Elas são, ademais, tanto uma como outra, o que dá sentido à existência. Para alguns é isso, para outros, a afirmação de valores ideológicos aos quais entregaram a vida. Há aí, sem dúvida, uma mistura de autoafirmação e **autoengano**. Isso explica o que aconteceu com as esquerdas em diferentes países, inclusive o Brasil. Deve-se observar que quanto mais radical for o militante, mais dificilmente admitirá que o seu sonho acabou. (...) E então nasce o neopopulismo, que é, no fundo, a tentativa de manter o poder, dentro do regime capitalista, mas contra ele. (GULLAR, 2013, grifos nossos).

Mais adiante, ainda nessa crônica, Gullar critica, novamente, os governos Lula e Dilma, afirmando ser o governo petista “ambivalente” e, por isso mesmo, contraditório, uma vez que “governa com a direita e finge que é de esquerda”. (GULLAR, 2013). Para o cronista, a esquerda radical passou por um “esvaziamento ideológico” e no futuro quem governará o país será uma geração não ideológica, que não herdou os posicionamentos utópicos postulados por Karl Marx.

Em diversas crônicas Gullar relembra sua trajetória política, seja o período que antecedeu o golpe militar, sejam os meses em que teve que se submeter à clandestinidade ou os anos de exílio. Como se sabe, após a instauração da ditadura, intelectuais, artistas e políticos de esquerda passaram a ser perseguidos, presos, torturados e, muitas vezes, mortos pelos militares, e não foi diferente com Gullar. Para garantir a própria sobrevivência, o poeta se viu obrigado a viver na clandestinidade durante dez meses, e na crônica **Às vezes**, de 13 de maio de 2012, o poeta explica como decidiu passar da vida clandestina ao exílio:

Quando estava na clandestinidade e precisava ganhar a vida, assinava artigos na imprensa alternativa com o nome de Frederico Marques (Frederico, de Engels; e Marques, de Marx), para enganar e sacanear a repressão. Mas aí os militares invadiram minha casa à minha procura, prenderam a Thereza, depois soltaram. Decidimos que era melhor eu ir para a União Soviética até que o processo aberto contra mim fosse julgado. Fui e lá, no Instituto Marxista-leninista, como todos os alunos eram clandestinos, tive de mudar de nome outra vez e passei a me chamar Cláudio. De Moscou, fui para Santiago do Chile; de lá, para Lima e depois para Buenos Aires, onde vivi os derradeiros anos de meu exílio. (GULLAR, 2012).

A partir do contato com as crônicas acima, sobretudo as que se referem à atual visão de Gullar sobre o Partido Comunista e as duras críticas que ele faz aos governos de esquerda, percebemos que o Gullar em seus últimos anos de vida em muito difere do Gullar que escreveu **Dentro da noite veloz** (1975). Mais recentemente não se vê no discurso do poeta uma sutil mudança de tom, mas uma verdadeira transformação política.

Em relação à ideologia socialista, por exemplo, todos sabemos que atualmente ela é considerada ultrapassada. No entanto, é no mínimo intrigante que um intelectual militante de esquerda durante tantos anos, filiado ao Partido

Comunista e, por isso mesmo, exilado por quase sete anos, agora se renda ao modelo neoliberal, que é declaradamente contrário a tudo aquilo que o poeta tanto defendeu no passado. Os intelectuais que romperam com o marxismo, em sua maioria, persistem na luta contra o imperialismo capitalista. Eles não se envergonham de seu passado de luta nem consideram sua ideologia da época uma ingenuidade ou “ilusão”.

Ferreira Gullar nos anos 1980 fez uma homenagem ao Partido Comunista Brasileiro, através do poema **Sessenta anos do PCB**, declarando que “o PCB não se tornou o maior partido do Ocidente/ nem mesmo do Brasil./ Mas quem contar a história de nosso povo e seus heróis/ tem que falar dele./ Ou estará mentindo”. (GULLAR, 2004, p. 361). Entretanto, nos anos 2010, esse mesmo poeta sentia vergonha de ter lutado por esse partido, ele olhava para o próprio passado e enxergava “miopia política” e “imaturidade” na ideologia antes defendida por ele com tanta coragem e desprendimento. No entanto, o que ele se **esquece** é que a obra que ele produziu enquanto era “míope”, “sonhador” e “imaturado”, o **Poema sujo** (1976), que fez dele um dos poetas mais renomados e respeitados do país.

Após o estudo e análise das crônicas apresentadas, podemos ter uma visão panorâmica acerca da postura mais recente de Ferreira Gullar no que refere às questões políticas. Entretanto, como nosso intuito aqui é estabelecer o diálogo entre crônica e poesia, nas próximas seções, faremos uma viagem aos anos 1960 e 1970, quando a poesia de Gullar se fez um forte instrumento de militância política e poética e influenciou (e representou) toda uma geração.

2.2 ENGAJAMENTO E RESISTÊNCIA DENTRO DE UMA NOITE VELOZ

Na poesia de Gullar encontrada em **Dentro da noite veloz** (1975) nota-se um fazer poético que se concretiza a partir do que socialmente se impõe ao sujeito lírico, o que resulta em uma produção essencialmente política e engajada. Em vários dos poemas adiante enfocados, bem como nas crônicas, o contexto histórico e político se mostrou um elemento relevante em nossa análise. No entanto, é preciso ressaltar que, apesar da influência dos fatores sociais, históricos e políticos em sua poesia e escrita, não pretendemos aqui partir do contexto para o texto para construir a nossa reflexão.

Por outro lado, não podemos deixar de reconhecer os posicionamentos de Antonio Candido que, no livro **Literatura e sociedade** (2000), defende que só haverá coerência na análise de uma obra quando houver uma fusão entre

texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. (CANDIDO, 2000, p. 4).

Nessa perspectiva, verificamos que tanto nas crônicas como em **Dentro da noite veloz** existem pontos de encontro entre a biografia de Gullar e as memórias do sujeito poético. Assim, é preciso considerar que a produção ficcional muitas vezes recupera imagens que se encontram tanto na subjetividade daquele que escreve como nas vivências de toda uma sociedade que se vê reconhecida no texto.

Fato é que, depois do golpe militar, Gullar se deu conta de que a poesia estritamente engajada não seria suficiente para fazer a **revolução**, o que o leva a priorizar a qualidade estética sem perder de vista a atuação política, ou seja, o seu engajamento social. A partir dessa nova concepção de literatura adotada por Gullar, parece-nos pertinente colocar em discussão o conceito de engajamento.

De acordo com Benoit Denis (2002), o engajamento pode ser concebido como “o ponto onde se encontram e se ligam o individual e o coletivo, onde a pessoa traduz em atos e para os outros a escolha que ela fez para ela mesma”. (DENIS, 2002, p.33). Partindo desse princípio, concebemos o escritor engajado como aquele que está comprometido com a realidade social. Nessa direção, a literatura engajada vai além de sua dimensão particular, uma vez que ela está a serviço da sociedade e não de si mesma.

Jean Paul Sartre (2004), ao refletir sobre a arte engajada, posiciona-se enfatizando que a arte seria uma forma de reestruturar a estabilidade política do mundo pós-guerra e, nesse processo, a atuação engajada dos artistas seria fundamental. Para o filósofo, até mesmo o silêncio pode ser considerado uma forma de engajamento, ou seja, não engajar-se é, de certa forma, também assumir uma postura política, no caso, a opção pela negligência. Sartre afirma que “o escritor engajado sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar. Ele abandonou

o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da sociedade e da condição humana.” (SARTRE, 2004, p. 20-21).

Rolland Barthes (2003), por sua vez, não enxerga no engajamento a única forma eficaz de ação do escritor, negando a polaridade entre arte engajada e arte pela arte. Segundo ele,

o desengajamento do escritor era de fato a forma mais autêntica do engajamento literário, aquela pela qual a literatura realiza plenamente a sua função primordial: separar-se integralmente do mundo, suspender de alguma forma a sua realidade, para melhor interrogá-lo e fazer pesar sobre ele um questionamento sem resposta, que é o único capaz de verdadeiramente atingir o dado. (BARTHES, 2003, p. 140).

Identificamos em **Dentro da noite veloz** o engajamento como tentativa de mudança social, quando sua poesia transforma-se em um instrumento de luta e resistência. Essa fase é classificada por Maria Zaira Turchi (1985, p. 83) como “lirismo solidário”, ou seja, a fase engajada do poeta, em que ele assume um compromisso com a ação revolucionária por meio da poesia. Nessa obra, a arte se volta para a própria realidade, partindo do particular para o universal. É nesse contexto que o livro é publicado em 1975, em plena ditadura militar e com Gullar exilado em Buenos Aires.

Heloísa Buarque de Hollanda (1992), ao apontar os posicionamentos de Walter Benjamin acerca da relação entre engajamento e qualidade estética, afirma que, para o filósofo alemão, “uma obra, apesar de politicamente engajada, deve apresentar qualidade literária”. (HOLLANDA, 1992, p. 27). Para Benjamin, nas palavras de Hollanda, “o engajamento de uma obra só pode ser politicamente correto se a obra for literariamente correta.” (HOLLANDA, 1992, p. 27). São essas características que verificamos na poesia de **Dentro da noite veloz**: engajamento político e qualidade literária.

Essa mesma ideia encontra ecos nas reflexões de Beatriz Sarlo (1997). Ao debruçar-se sobre a importância do olhar político sobre a arte, mais precisamente dentro do contexto literário, a argentina reitera, também à luz das teorias benjaminianas, que “o olhar político não exclui (...) a dimensão estética, antes se relaciona com ela em sua origem, colocando-a (...) no seu próprio centro.” (SARLO, 1997, p. 59).

Segundo ela, quando se lança um olhar político sobre a arte, esta ultrapassa a dimensão de si mesma para então voltar-se ao coletivo, dando representatividade àqueles cujas vozes foram (e são) silenciadas pelas mais variadas esferas de poder e dominação. É justamente esse **olhar político** que identificamos na poesia de Gullar em **Dentro da noite veloz**.

Por esse motivo, não podemos atribuir à poesia ali presente o caráter populista apontado por Heloísa Buarque de Hollanda, ou seja, aquele que tem por objetivo **adestrar** o povo³. Ao contrário, a poesia de Gullar é aquela que se coloca ao lado do povo porque faz parte dele. Sua poesia é popular porque “em termos de estética, de temas humanos, [está] baseada na certeza de que tudo aquilo que é verdadeiro serve ao povo, de que o uso apaixonado da verdade é o instrumento por excelência de humanização da vida.” (HOLLANDA, 1992, p. 20).

2.3 DENTRO DA NOITE VELOZ: HISTÓRIA, MILITÂNCIA E POESIA

Os poemas presentes na obra **Dentro da noite veloz** foram escritos entre 1962 e 1975, ou seja, parte deles foi escrita no período que antecedeu o golpe militar e outra parte foi produzida durante o tempo da ditadura, inclusive quando Gullar se encontrava exilado. Segundo Alcides Villaça (1984), a poesia de **Dentro da noite veloz**

expressa esse trânsito de um cotidiano esvaziado pela fatalidade do exílio desenraizador, diante do qual um poema é, a um só tempo, resistência íntima e impotência prática – mas sempre a luta para fazer convergir poesia/ paixão/ revolução. (VILLAÇA, 1984, p.105).

A partir de uma apropriação particular da linguagem, Gullar resgata, na obra, o eu lírico, ausente nos poemas de cordel, e transpõe para os poemas os fatos cotidianos daquele momento. Nesse contexto, como aponta Turchi (1985, p. 98), a poesia

³ Heloísa Buarque de Hollanda faz uma diferenciação entre os termos **populista** e **popular**, afirmando que o escritor populista é aquele que supostamente se coloca ao lado do povo, mas na verdade não conhece sua realidade, ou seja, há uma distância entre esse intelectual e o povo na poesia populista. Nesse sentido, tomando como base os conceitos de Hollanda, a poesia de Gullar se enquadraria na categoria popular, e não populista.

é arrancada das palavras e frases simples, aparentemente banais, do cotidiano em que o poeta está inserido. Ferreira Gullar abandona a linguagem dos cantadores das feiras do Nordeste, que coloca numa posição de narrador “de fora”, para dizer “de dentro” o mundo de que faz parte, assumindo sua própria linguagem de poeta marcado por fortes experiências poéticas.

Nesse processo, cidadão e poeta se juntam na criação do verso, garantindo a qualidade estética e o engajamento político, tomando como matéria poética o presente do Regime Militar. No entanto, esse presente que se faz verso e poesia não se limita a uma mera reflexão subjetiva, ao contrário, a obra configura-se como uma construção lírica atenta à relação entre o povo e o poema. Sua poesia não revela uma experiência individual, mas a história de um grupo, de um povo, de uma multidão sem voz que não pode ser silenciada também na literatura.

Por outro lado, deve-se atentar ao fato de que o poema é uma construção de linguagem, o resultado de uma elaboração literária, o fruto da relação entre o vivido e o inventado. Sendo assim, não podemos – nem devemos – esperar dele um retrato fiel da realidade, mas uma aproximação do real. Ao refletir sobre a tentativa (frustrada) da literatura de representar o real, Barthes (2003) se coloca nestes termos:

Desde a Antiguidade até às tentativas de vanguarda, a literatura preocupa-se em representar alguma coisa. O quê? Direi brutalmente: o real. O real não é representável, e é por os homens quererem continuamente representá-lo com palavras que existe uma história da literatura. O fato de o real não ser representável – mas apenas demonstrável – pode ser dito de várias formas: quer como Lacan, definindo-o como impossível aquilo que não pode ser atingido e que escapa ao discurso, quer em termos topológicos, quando constatamos que se não pode fazer coincidir uma ordem pluridimensional (o real) com uma ordem unidimensional (a linguagem). (BARTHES, 2003, p. 22-23).

Embora consideremos a impossibilidade de a literatura representar o real, paradoxalmente, quando nos deparamos com os poemas **Maió 1964** e **Agosto 1964**, é inegável a carga histórica e política ali presente e a aproximação do real. Os poemas são contaminados pelos acontecimentos, seja o mês seguinte ao golpe ou alguns meses depois. O que se percebe, ao ler os poemas, é que o sujeito poético expõe como o Regime, já no seu início, conseguiu mudar a vida das pessoas, interferindo em sua liberdade e em seus direitos fundamentais:

Na leiteria a tarde se reparte
em iogurtes, coalhadas, copos
de leite
e no espelho meu rosto. São
quatro horas da tarde, em maio.

Tenho 33 anos e uma gastrite. Amo
a vida
que é cheia de crianças, de flores
e mulheres, a vida
esse direito de estar no mundo,
ter dois pés e mãos, uma cara
e a fome de tudo, a esperança.
Esse direito de todos
Que nenhum ato
institucional ou constitucional
pode cassar ou legar.
(GULLAR, 2004, p. 169).

Apesar de se tratar de uma construção de linguagem, há uma correspondência evidente e imediata com o Brasil do pós-golpe de 1964. Ao lermos o poema, verificamos a referência não apenas ao mês e ao ano, maio de 1964, mas também à hora em que o poema foi escrito e à idade do sujeito lírico, **coincidentemente** a mesma idade em que o poeta se encontrava em maio de 1964, 33 anos. A imagem no espelho leva o eu lírico a uma reflexão existencial e política, pois, ao mesmo tempo em que ele “ama a vida”, que é “cheia de crianças, flores e mulheres”, há também a referência à brutalidade dos atos institucionais e constitucionais, que podem “cassar ou legar” os direitos dos cidadãos.

Em **Agosto 1964**, percebemos um sujeito poético inserido em um contexto de ditadura, no qual a liberdade de expressão é cerceada paulatinamente. Diante desse cenário, o sonho socialista de um militante do PCB se transforma em desilusão e desamparo:

Entre lojas de flores e de sapatos, bares,
mercados, butiques,
viagem
num ônibus Estrada de Ferro – Leblon.
Volto do trabalho, a noite em meio,
fatigado de mentiras.

O ônibus sacoleja. Adeus, Rimbaud,
relógio de lilases, concretismo,
neoconcretismo, ficções da juventude, adeus,
que a vida
eu a compro à vista aos donos do mundo.
Ao peso dos impostos, o verso sufoca,
a poesia agora responde a inquérito policial-militar.

Digo adeus à ilusão
 mas não ao mundo. Mas não à vida,
 meu reduto e meu reino.
 Do salário injusto,
 da punição injusta,
 da humilhação, da tortura,
 do terror,
 retiramos algo e com ele construímos um artefato

 um poema
 uma bandeira.
 (GULLAR, 2004, p. 170).

O sujeito lírico presente nesses versos evidencia de forma crítica um contexto perturbador ao qual não se pode ser indiferente. Os versos “Volto do trabalho, a noite em meio,/ fatigado de mentiras” (GULLAR, 2004, p. 170) têm muito a dizer porque apresentam um trabalhador que, voltando do trabalho, não expõe o seu cansaço físico, mas o cansaço de um homem “fatigado de mentiras”.

Que mentiras são essas? A resposta está nos versos acima, no espaço fantasioso e hipócrita que não é possível a todos, sobretudo em plena ditadura militar. O eu lírico viaja “Entre lojas de flores e de sapatos, bares,/ mercados, butikues” (GULLAR, 2004, p. 170), mas esse cenário privilegiado, que somente a sociedade burguesa pode desfrutar, é uma mentira para os demais, uma fantasia que mascara a realidade que oprime e massacra todos os outros, sem piedade.

Mergulhando no verso “O ônibus sacoleja” e considerando o contexto político de 1964, podemos inferir que o verbo “sacolejar” pode se referir não somente ao transporte coletivo. O sacolejar do ônibus pode ser interpretado como uma metáfora dos abalos sociais e políticos decorrentes do golpe militar, que resultam em um sujeito poético desiludido e fatigado. Esse sacolejar leva o eu lírico a fazer uma revisão de sua trajetória poética à qual dá “adeus”.

O eu lírico se lembra de Rimbaud, um dos precursores da poesia moderna, ao despedir-se de suas utopias do passado. A fase “vanguardista” do poeta, quando se rendeu à poesia concreta e neoconcreta, transformara-se em “ficções da juventude”, e a poesia agora tem que se submeter a “inquérito policial-militar”, o que evidencia uma arte que, naquele momento, tornara-se vítima da censura. Ainda assim, essa mesma arte converte-se em “um artefato”,

por tornar-se um instrumento de luta e resistência, e também em “uma bandeira” de revolução, por ser capaz de representar a causa social de todo um povo.

No entanto, apesar de dizer adeus às “ficções da juventude”, o sujeito lírico não abandona seus ideais, não perde as esperanças diante da vida, seu “reduto” e seu “reino”. (GULLAR, 2004, p. 170). É interessante observar que o eu lírico parte do individual, “**Digo** adeus à ilusão”, para chegar a um coletivo, “Do salário injusto,/ da punição injusta,/ da humilhação, da tortura,/ do terror,/ **retiramos** algo e com ele **construímos** um artefato/ um poema/ uma bandeira.” (GULLAR, 2004, p.170, grifos nossos). Percebemos, desse modo, a transformação de uma identidade individual em uma identidade coletiva e nacional.

Outro traço percebido em **Dentro da noite veloz** é seu memorialismo poético. Através desse recurso, o maranhense transforma em poesia as recordações de seus primeiros anos de vida e, nesse processo, São Luís, a cidade da infância, torna-se matéria poética de vários de seus versos. Mas não apenas a cidade, também pessoas, lugares, situações e momentos são eternizados pela construção poética. **Praia do Caju** é um exemplo de poema que traz à tona a aproximação entre o passado e o presente, entre o sujeito lírico que agora recorda e o menino que um dia ele foi:

Nesta tarde de férias, disponível, podes
se quiseres, relembrar.
Mas nada acenderá de novo
o lume
que na carne das horas se perdeu.

(...)

Caminhas no passado e no presente.
Aquela porta, o batente de pedra,
o cimento da calçada, até a falha do cimento. Não sabes já
se lembras, se descobres.
E com surpresa vês o poste, o muro,
a esquina, o gato na janela,
em soluços quase te perguntas
onde está o menino
igual àquele que cruza a rua agora,
franzino assim, moreno assim.
Se tudo continua, a porta
a calçada a platibanda,
onde está o menino que também
aqui esteve? aqui nesta calçada
se sentou?

E chegas à amurada. O sol é quente

como era, a esta hora. Lá embaixo
 a lama fede igual, a poça de água negra
 a mesma água o mesmo
 urubu pousado ao lado a mesma
 lata velha que enferruja.
 Entre dois braços d'água
 esplende a croa do Anil.
 (...)

(GULLAR, 2004, p. 182-183)

A Praia do Caju é uma das praias mais bonitas do nordeste brasileiro e um dos lugares onde o poeta viveu sua infância. A partir da menção a esse lugar, a memória do sujeito poético é acionada para então tomarmos conhecimento de outras esferas dessa lembrança. Nesse processo, a memória consegue construir um mapa não apenas geográfico, mas também social e afetivo, um mosaico de memórias de um sujeito lírico adulto que se vê menino ao visualizar uma criança sentada na calçada, um menino franzino e moreno como o próprio Ferreira Gullar.

O eu lírico de **Praia do Caju** já não sabe se está se lembrando do passado que viveu, ao recordar-se do menino que um dia ele foi, ou se está descobrindo esse menino no presente. Afinal, ele “caminha no passado e no presente”, e esse caminhar confunde e mistura o que é lembrança e o que é descoberta. Independente disso, entre lembrança, descoberta e invenção, a infância se torna o lugar da poesia e a poesia se torna o lugar da infância.

Há que se ressaltar, ainda, o caráter social, e por isso político, também presente em **Praia do Caju**. Se, por um lado, aquela praia é um lugar paradisíaco, por outro, a referência a ela nos traz o contraste com outro cenário muito diferente, que revela uma realidade de pobreza, sujeira e miséria, em que o rio é podre e a lama fede. Preocupado em dar voz às classes oprimidas, o poeta militante denuncia, mais uma vez, a podridão social. Não há mais espaço para construções poéticas ingênuas. A poesia assume, e **precisa** assumir, irremediavelmente, a forma de protesto e resistência ao processo de desumanização em que se encontra a sociedade capitalista.

A Bomba Suja é outro poema de **Dentro da noite veloz** que denuncia a desigualdade, a fome, a miséria e a injustiça social.

Introduzo na poesia
 A palavra diarreia.
 Não pela palavra fria
 Mas pelo que ela semeia.

Quem fala em flor não diz tudo.
 Quem me fala em dor diz demais.
 O poeta se torna mudo
 sem as palavras reais.

(...)
 (GULLAR, 2004, p. 156).

Por meio dos versos desse poema, a poesia de Gullar assume o caráter realista. O poeta é chamado à luta e **não pode** dizer não, **não pode** deixar de lado seu compromisso com as classes oprimidas e sem voz, **não pode** deixar de denunciar a fome, a miséria, o latifúndio, a mortalidade infantil. Assim, a poesia se transforma em um instrumento de crítica e denúncia social, uma voz que não se cala diante de tantas injustiças.

O poema, entretanto, vai além da denúncia quando questiona de onde vem a miséria e a fome, “Cabe agora perguntar/ quem é que faz essa fome,/ quem foi que ligou a bomba/ ao coração desse homem.” (GULLAR, 2004, p. 157). Logo em seguida, o eu lírico sugere a resposta para tal questionamento: “Quem faz café virar dólar/ e faz arroz virar fome/ é o mesmo que põe a bomba/ suja no corpo do homem.” (GULLAR, 2004, p. 157).

Nessa mesma direção segue o poema **Não há vagas**, no qual a função metaliterária é muito nítida. Nos versos abaixo verificamos uma crítica contundente à poesia, que por vezes exclui temas relacionados ao mundo real para dedicar-se a temas abstratos e distantes da realidade social:

O preço do feijão
 não cabe no poema. O preço
 do arroz
 não cabe no poema.
 Não cabem no poema o gás
 a luz o telefone
 a sonegação
 do leite
 da carne
 do açúcar
 do pão.

O funcionário público
 não cabe no poema
 com seu salário de fome
 sua vida fechada
 em arquivos.
 Como não cabe no poema
 o operário
 que esmerila seu dia de aço

e carvão
nas oficinas escuras

– porque o poema, senhores,
está fechado: “não há vagas”
Só cabe no poema
o homem sem estômago
a mulher de nuvens
a fruta sem preço

O poema, senhores,
não fede
nem cheira.
(GULLAR, 2004, p. 162).

Esse poema reflete a influência do CPC e a busca por uma conscientização política. Irônico, o sujeito lírico declara que só cabem no poema “o homem sem estômago/ a mulher de nuvens/ a fruta sem preço” (GULLAR, 2004, p. 162), obviamente fazendo uma crítica à poesia que contempla somente o que está distante do cotidiano das pessoas, não se preocupando em trazer à tona aquilo que de fato faz parte de sua realidade, como o preço do feijão, do arroz, do gás, da carne e do pão.

Finalmente, não poderíamos concluir nossa análise sem mencionar a relação entre a poesia de **Dentro da noite veloz** e o período de ditadura vivido pelo poeta, que culminou em seu exílio. No poema **Boato**, escrito em 1967, ano inscrito no próprio poema, observamos o conflito em que se encontra o poeta diante do Regime Militar:

Espalharam por aí que o poema
(...)
que o poema só aceita
a palavra perfeita
ou rarefeita
ou quando muito aceita a palavra neutra
(...)

Mas como, gente
se estamos em janeiro de 1967
(...)

Como ser neutro, fazer
um poema neutro
se há ditadura em meu país
e estou infeliz?
(GULLAR, 2004, p. 190).

Em 1971, é escrito o poema **Madrugada**, e nele o poeta revela sua condição de clandestino, na qual permaneceu durante dez meses, até partir para

o exílio. Percebemos nesse poema um sujeito poético que, mesmo quando se volta à própria subjetividade, não abandona seu olhar crítico sobre a realidade do país “dividido em classes”:

Do fundo do meu quarto, do fundo
de meu corpo
clandestino
ouço (não vejo) ouço
crescer no osso e no músculo da noite
a noite

a noite ocidental obscenamente acesa
sobre meu país dividido em classes
(GULLAR, 2004, p. 218).

Já o poema **Exílio**, além de referir-se à condição de exilado do poeta, mostra nitidamente o sentimento de desalento e solidão vivenciado a partir da experiência do desterro, uma sensação de alienação da própria vida, como se ela tivesse sido usurpada violentamente:

Numa casa em Ipanema rodeada de árvores e pombos
na sombra quente da tarde
entre móveis conhecidos
na sombra quente da tarde
entre árvores e pombos
entre cheiros conhecidos
eles vivem a vida deles
eles vivem minha vida

na sombra da tarde quente
na sombra da tarde quente
(GULLAR, 2004, p.221).

Nesse poema, identificamos um sujeito lírico em sintonia com o sujeito histórico que se encontra no exílio. Esse sujeito se lembra de seu país, de sua cidade, seu bairro e sua casa. Assim, aparecem as árvores, as tardes quentes da cidade, os móveis da casa, a sombra, os cheiros e as pessoas com quem ele conviveu. Tudo continua lá, menos ele. Os outros continuam vivendo suas vidas e, o pior, vivendo a vida do próprio sujeito poético.

A escrita produzida no exílio é marcada pela necessidade de se afirmar e superar a ideia constante da morte. Nesse processo, a memória atua no fazer poético em pleno exílio como um elemento de reterritorialização através da linguagem, num momento de desenraizamento total.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta reflexão, podemos dizer que **Dentro da noite veloz** é o que há de mais político dentro da poética de Ferreira Gullar. O eu lírico se move dentro dessa **noite veloz** em meio a muitos elementos que atuam de maneira decisiva na poesia ali presente: memória, história, resistência, engajamento, exílio, vida, morte. Tudo se conflui para a construção do verso.

Cabe aqui enfatizar, mais uma vez, que temos consciência de que os dados biográficos do sujeito histórico não são suficientes para justificar a escritura dos poemas da obra, porém é quase impossível não recorrer a esses dados em **Dentro da noite veloz**. Sabemos que a poesia não é um reflexo da realidade, mas uma forma de interpretá-la, e interpretar não é traduzir. Por isso mesmo, a busca aqui pretendida não é pelo **real** em si, mas pelo real recriado, reinventado por um sujeito poético que é também invenção. Basta-nos, portanto, entender que a poesia produzida por Ferreira Gullar transcende sua experiência pessoal e ultrapassa qualquer dado biográfico, porque só assim ela alcança o drama humano e consegue falar às pessoas.

Após a leitura e análise dos poemas aqui apresentados, inferimos que cada um deles só veio reafirmar que **Dentro da noite veloz** possui um forte caráter social e engajado, uma vez que sua poesia é movida pela militância política e poética de Gullar. Trata-se de um fazer poético que expressou de maneira singular as lutas, os anseios e as agruras de todo um povo num momento em que não existia qualquer possibilidade de democracia e liberdade.

Encontramos em **Dentro da noite veloz** uma poesia contundente, cirúrgica, que se recusa a representar o abstrato. Os poemas ali presentes são questionadores, levando-nos a refletir sobre a ditadura militar, a fome, a miséria. Outros deles mostram claramente a condição de exilado vivida pelo maranhense, quando nos transportam até os lugares passados pelo poeta durante a sua experiência do desterro.

Ao colocarmos lado a lado a prosa e a poesia de Gullar, trouxemos à cena tanto o cronista que se coloca como homem político, quanto o sujeito histórico que se faz lírico para então dar voz àqueles que não a têm. Apresentamos, ao mesmo tempo, o poeta que faz da escrita um instrumento de luta e resistência e o cronista que, do alto de seus mais de 80 anos de vida, ainda se coloca

politicamente como homem e como escritor, ainda que sua postura seja questionada e por vezes contestada.

Assim concretizamos o diálogo aqui pretendido: poesia e prosa, prosa e verso. Memória, história, política, engajamento e resistência se entrelaçam na obra do maranhense e assim nos oferecem caminhos sempre novos como possibilidade de investigação literária. Conhecemos, portanto, através do diálogo entre passado e presente, entre poesia e prosa, a face do Gullar que foi e a face do Gullar que é. Contrapomos o Gullar desiludido do século XXI ao Gullar que acreditava ser a poesia uma forma de revolução e que lutar por uma sociedade mais justa através da atividade poética não era utopia.

FERREIRA GULLAR: HISTORY, ENGAGEMENT AND RESISTANCE

This assignment purposes the dialogue between Ferreira Gullar's chronicle and poetry. To this end, we selected as the object of study of this research the chronicles published by *Folha de São Paulo* from 2012 to 2013 and his book *Dentro da noite veloz* (1975). Starting from the discussion about the concept of engagement, we try to focus on the poet's political performance in prose and verse contrasting Gullar's most recent political perspective with his politics and poetics approach in the 1960s and 1970s, that is marked by militancy and resistance that we can observe in *Dentro da noite veloz* (1975). Aiming at building the theoretical elaboration of this research, we bring up the critical thinking of Benoit Denis (2002), Heloísa Buarque de Hollanda (1992), Jean Paul Sartre (2004), Roland Barthes (2003), Antonio Candido (2000) and Beatriz Sarlo (1997), which contributed decisively to this article writing. We start from the hypothesis that we can reflect on memory, history, engagement, resistance and political approach through the dialogue between his both writing forms, because they complement each other in order to build up the reflections about Ferreira Gullar. The dialogue between poetry and chronicle in Gullar's writing, therefore is not only possible but also fruitful and brings a new possibility of a research in the literary field.

Keywords: Ferreira Gullar. Chronicle. Poetry. Engagement. Politics.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **O grau zero da escritura**. São Paulo: Cultrix, 2003.
- BOTTOMORE, Tom (editor). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- CAMENIETZKI, Eleonora Ziller. **Poesia e política: a trajetória de Ferreira Gullar**. Rio de Janeiro: Revan, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 2000.
- DENIS, Benoit. **Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre**. Trad. Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. São Paulo: EDUSC, 2002.
- GULLAR, Ferreira. Às vezes. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 de maio de 2012. Caderno Ilustrada, E8.
- GULLAR, Ferreira. Da fala ao grunhido. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 de março de 2012. Caderno Ilustrada, E8.
- GULLAR, Ferreira. Do tango ao tangolomango. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1º de janeiro de 2012. Caderno Ilustrada, E10.
- GULLAR, Ferreira. **Melhores crônicas**. São Paulo: Global, 2004.
- GULLAR, Ferreira. Não basta ter razão. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 03 de fevereiro de 2013. Caderno Ilustrada, E10.
- GULLAR, Ferreira. O mundo muda. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1º de setembro de 2013. Caderno Ilustrada, E8.
- GULLAR, Ferreira. **Toda poesia (1950-1999)**. 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde, 1960-1970**. 3ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- LACLAU, Ernesto. **A Razão Populista**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- LACLAU, Ernesto. **La Razón Populista**. Buenos Aires: FCE, 2005.
- LACLAU, Ernesto. **Política e ideologia na teoria marxista: capitalismo, fascismo e populismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- SARLO, Beatriz. Um olhar político. In: **Paisagens imaginárias: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação**. Trad. Rubia Prates e Sérgio Molina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é a literatura?** Trad. Carlos Felipe Moisés. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

TURCHI, Maria Zaira. **Ferreira Gullar: a busca da poesia.** Rio de Janeiro: Presença, 1985.

VILLAÇA, Alcides Celso de Oliveira. **A poesia de Ferreira Gullar.** Tese (Doutorado em Literatura Brasileira - USP). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.